



RUPTURA E INOVAÇÃO NO PROCESSO AVALIATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA NA UFPE

Julia Amanda Medeiros de Souza Silva*

Flávia Ariane Santos de Lima

Ernani Nunes Ribeiro

*julia.ams@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, discutimos análises de avaliações na perspectiva processual, diagnóstica e construtiva, enfocando as ações dos professores propostos. Nossos objetivos, então, mostram a importância de se respeitar o conhecimento prévio dos alunos e a auto avaliação dos professores no processo de ensino-aprendizagem. Assumimos que, se a avaliação não apresentar desafios e motivações de aprendizagem, pode se tornar um processo de treinamento desestimulante. Para isso, relatamos uma experiência de uma avaliação inovadora e fora do padrão feita por um professor da Universidade Federal de Pernambuco com a disciplina de história e filosofia da ciência, na qual os alunos precisavam buscar conhecimento fora da sala de aula e eram incentivados a conectar-se com a realidade, aplicando seus conhecimentos e experiências de aprendizagem na sala de aula. Os resultados nos mostraram que a utilização desses tipos de avaliações, onde trabalhamos os conhecimentos prévios dos discentes, tiveram seus pontos positivos e a serem aperfeiçoados.

Palavras-chaves: Avaliação, Processual, Diagnóstica, Construtiva, Ensino-aprendizagem

ABSTRACT

In this article, we'll discuss the analysis of evaluations in the procedural, diagnostic and constructive perspectives, giving focus to the actions of the proposed teachers. Thus, our objectives show the importance of respecting the previous knowledge of the students and the self-evaluation of the teachers in the process of teaching-learning. We assume that if the evaluation doesn't present challenges and learning motivations, it can become a discouraging training process. To do this, we'll report the experience of an innovative and out of standart evaluation, made by a professor at the



Federal University of Pernambuco, during a course of History and Philosophy of Science, in which students needed to seek knowledge out of the classroom and were encouraged to connect with reality, applying their knowledge and experiences of learning in the classroom. The results show us that the use of these types of evaluations, where we cultivate previous knowledge, had their positive points and the points that should be perfected.

Keywords: Evaluation, Procedural, Diagnostic, Constructive, Teaching-learning.

Introdução

No processo da formação humana passamos por diferentes contextos de saberes e de aplicabilidades desses saberes. Nos espaços formais de aprendizado, somos instigados em salas de aula a apreender inúmeras informações e logo após, somos testados sobre o quanto dessas informações se tornaram memórias, habilidades e competências.

Corroborando com tal reflexão, ao pensarmos nos processos avaliativos no contexto universitário é sempre um desafio para o docente elaborar provas que atendam as habilidades e competências das quais ensina para formação de profissionais. Uma das maiores dificuldades em avaliar é quando se compreende que os discentes têm necessidades diferentes e essas devem ser respeitadas.

Quando não se entende o papel da avaliação, a mesma é utilizada como métrica de rótulos entre “bons” e “maus” estudantes. Concomitantemente, a avaliação enquanto instrumento deveria orientar entre os pontos positivos e negativos, os processos decisivos para a aprendizagem.

Conforme esclarece a Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), “o professor terá a oportunidade de saber o que é avaliação e verificação, que caminhos deverá seguir para o sucesso de todos os envolvidos.”

Os instrumentos mais utilizados para se avaliar são as provas teóricas e práticas, trabalhos individuais e em grupos. No entanto, muitos docentes acabam transformando esses métodos num processo de cobrança de conteúdo, submetendo os discentes a decorar ao invés de incentivar o desejo de aprender e tornar o ensino motivacional e de acordo com Adelman e Taylor (1983) e BZUNECK (2009b, p. 12), um aluno motivado para uma determinada tarefa pode apresentar resultados surpreendentes mais do que se poderia esperar com base em outras características pessoais.



Avaliar todo o processo de aprendizagem do educando não é simples. É preciso entender que a avaliação deve ser processual, diagnóstica e construtiva. Essas três abordagens estão relacionadas e sendo usadas para construir modos de avaliar o discente durante todo seu desempenho, levando em conta seus conhecimentos prévios também. A avaliação construtivista propõe uma nova relação entre professor, educando e conhecimento, partindo do princípio de que o discente não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O discente é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento (MORETO, 2008). Segundo os construtivistas, o docente também se auto-avalia podendo mudar sua abordagem para melhor desenvolvimento no decorrer da sua disciplina.

A avaliação diagnóstica vai sondar e dar elementos para que o aluno verifique o que aprendeu e como conseguiu absorver o conteúdo abordado. É uma forma de entender como o discente foi capaz de buscar conhecimentos e quais dificuldades enfrentou para adquirir. Desse modo docente e discente conseguem refletir sobre como e onde reajustarão seus planos.

A avaliação processual também compactua com a diagnóstica, no qual se utiliza da avaliação inicial quais as condições do discente e como ao longo do processo ele conseguiu melhorar, ou se resta ainda dificuldades.

Para Haydt (2000) faz parte do trabalho docente, verificar e julgar o rendimento dos educandos, avaliando os resultados do ensino, a avaliação sempre estará presente na sala de aula, fazendo parte da rotina escolar, portanto, é responsabilidade do docente aperfeiçoar suas técnicas.

Com isso o objetivo dessa pesquisa, é relatar uma experiência feita por um docente da Universidade Federal de Pernambuco que realizou uma avaliação em que o objetivo era fixar, ampliar e pôr em prática os três tipos de avaliação: processual, diagnóstica e construtiva. Os estudantes precisavam pesquisar, buscar conhecimento além da sala de aula e conectar com a realidade. Ao realizar entrevistas com os discentes do primeiro período de Ciências Biológicas sobre a prova da disciplina História e Filosofia da ciência, observamos a utilização dos três tipos de avaliação a fim de compreender o método utilizado e seu impacto de forma positiva ou negativa.

Referencial Teórico



A avaliação é uma prática muito utilizada ao longo do tempo, com as mudanças que foram tomadas para o surgimento de vários métodos e meios, a mesma começou a se estruturar onde o intuito era julgar o desempenho do indivíduo diante qualquer aspecto. Segundo Garcia (2003) e DILIGENTI (1998, p. 21) O termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra “exame” era mais frequentemente utilizada para designar provas de conhecimento. Datam aos remotos 1200 a.C. as primeiras práticas de avaliação/exame de que temos notícia.

Para Kraemer (2006), avaliação vem do latim, e significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo discente. É um instrumento valioso e indispensável no sistema escolar, podendo descrever os conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos apropriaram. Sendo assim, compreende-se que não só é necessário medir a aprendizagem do avaliado e quantificar, como o docente se auto avaliar na posição de mediador.

Contudo, os tipos de avaliações são estudados e discutidos por diversos autores, enfatizando a diagnóstica, processual e construtiva. De acordo Machado (1995, p. 33), ele observa que “A avaliação diagnóstica possibilita ao educador e educando detectarem, ao longo do processo de aprendizagem, suas falhas, desvios, suas dificuldades, a tempo de redirecionarem os meios, os recursos, as estratégias e procedimentos na direção desejada”. O foco do docente é detectar as dificuldades e ajudar o educando a entender da melhor forma o que está sendo repassado.

A avaliação processual tem relação com a diagnóstica, pois ambas tem o intuito de acompanhar o educando em todo seu processo de desenvolvimento durante as aulas e construir saberes, permitindo o aluno aprender a partir do processo metodológico. A avaliação processual “serve para verificar se o trabalho do professor está sendo produtivo e se os alunos estão de fato aprendendo com as situações didáticas propostas” (WEISZ, 2000, p. 94).

No construtivismo, Macadar e GROSSI & BORDIN, 1992, p. 198, evidencia que: “A proposta construtivista vem estabelecer uma nova relação entre quem aprende e quem ensina. A escola é um lugar onde a criança é estimulada a “construir” seu próprio conhecimento, deverá organizar seus espaços de tal forma que contribua, facilite e promova a constituição do grupo, desde a escala micro, na sala de aula, até a escala macro, na escola como um todo.” Isto é, o educando precisa ter o direito a expressão e reflexão, com atos que irão se tornar significativos, assim irá obter o aprendizado de fato.



Metodologia

Foi preciso mergulhar no ambiente da sala de aula e da turma, procurar compreender a dinâmica para se ter uma visão ampla de como o docente pensou na avaliação e aplicação diante do que foi trabalhado no período, portanto “Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.19).

Assumindo que a intencionalidade metodológica da pesquisa é de se obter as respostas positivas ou negativas e entendendo que inclui etapas para os processos de pesquisa que de acordo com Thiollent (2011), englobam as seguintes etapas: preparação do pesquisador; estabelecimento de uma relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa; sistematização das informações; análise e interpretação dos dados; avaliação; e retorno das conclusões para os sujeitos acompanhadas de uma reflexão crítica.

A avaliação foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória, com 45 discentes matriculados no primeiro período de Ciências Biológicas na disciplina História e Filosofia da Ciência, pensando numa forma de obter um maior levantamento de dados, realizamos uma entrevista com a autorização dos discentes. Ribeiro (2008), diz que a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas.

De acordo com Gil (2011), as entrevistas podem ser estruturadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. Utilizamos o tipo de entrevista informal, que é a menos estruturada possível e se trata de uma simples conversa onde o objetivo é coletar os dados necessários. O roteiro de perguntas para o entrevistado foi pensado em torno da prova aplicada pelo docente da disciplina, uma avaliação que consiste em questões elaboradas de acordo com o que foi trabalhado ao longo do período.

A avaliação foi dividida em três fases. A primeira fase da prova foi proposta para os discentes que pesquisassem sobre Biotecnologia em artigos, descrever e demonstrar os lados positivos e



negativos das pesquisas para o futuro da humanidade.

Na segunda fase os alunos deveriam realizar uma entrevista com dez pessoas de gêneros e faixas etárias diferentes de como será a educação no futuro. Após as pesquisas e entrevistas acabarem, os discentes deveriam relacionar as respostas com a pesquisa sobre Biotecnologia, além de comparar com as propostas trabalhadas em aulas em cima do livro *Homo Deus e os Setes Saberes*.

Em trabalho com docente da disciplina, observamos a avaliação e encaixamos dentro dos tipos de avaliação citados: diagnóstica, entendendo que cada aluno teve sua dificuldade e facilidade particular, o que foi bastante desafiador já que a prova foi realizada em grupo. Um dos propósitos da avaliação diagnóstica é informar ao docente as habilidades e nível de busca pelo conhecimento do seu educando. “Cabe a figura do professor verificar as habilidades prévias e trabalhar dentro das dificuldades apresentadas.” (HAYDT, 2000).

A entrevista foi mini estruturada, realizada em cima de sete perguntas pensadas para entender a singularidade de cada um, as dificuldades durante o processo e angústias relacionada à avaliação como um todo.

Nossa hipótese, é que os educandos consigam ampliar o entendimento sobre o conteúdo afim de que eles possam discutir o tema com propriedade com diferentes perspectivas sociais.

Resultados E Discussão

Ao analisarmos as respostas, procuramos entender como a avaliação foi vista pelos discentes e se o desenvolvimento obteve êxito diante da proposta feita pelo docente. De acordo com Haydt (2000) ele defende que a avaliação deve ser compreendida como um processo dinâmico de permanente interação entre educador e educando no apontamento e no desenvolvimento de conteúdos de ensino-aprendizagem, na seleção e aplicação de suas metodologias, bem como no diagnóstico da realidade social, visando a mudança comportamental do educando e do seu compromisso com a sociedade. Assim o processo avaliativo deve decorrer em função do discente, a fim de promover e despertar o interesse do mesmo.

Separamos as respostas por semelhanças entre si, obtendo primeiramente uma análise geral com os relatos mais relevantes, cada um dos 15 voluntários responderam através de uma entrevista oral e com isso levamos em conta a singularidade de cada um dos entrevistados em relatar como ocorreu o processo de construção da avaliação.



Quando questionados sobre o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, quatorze alunos acham que a avaliação é importante para que ocorra o entendimento entre aluno e professor, serve para amarrar toda a disciplina trabalhada em aula e ajuda a fixar o assunto proposto. Os mesmos disseram desenvolver o senso crítico, precisaram pesquisar, ler, ir atrás para obtenção das respostas. Apenas um discorda, prefere os métodos diferentes, como seminários, provas tradicionais e objetivas.

O temor das provas tende a ser evidenciados quando a mesma é anunciada, neste sentido, todos os alunos responderam que logo após o anúncio de uma prova, principalmente nas disciplinas que sentem mais dificuldades, se sentem tensos e ansiosos. Não saber o que esperar de uma prova é a principal causa da tensão. O medo de ser avaliado é constante, mesmo tendo se preparado para tal, alguns ainda se sentem pressionados a decorar o assunto para responder do jeito que o educador pede.

A dificuldade dos discentes em relação ao processo de resposta da prova envolveu a parte de se trabalhar em grupo e conseguir distribuir por igual o que cada um poderia contribuir. O fato de algumas opiniões não coincidirem e ter sido feito debates também fizeram parte da construção das respostas. A grande maioria teve dificuldades na parte de encontrar os artigos e relacionar. Para outros, foi a organização da prova e coloca-la em ordem.

Os relatos mais impactantes foram sobre as entrevistas feitas com crianças e idosos. Apesar da expectativa de respostas das crianças serem baixas, alguns se surpreenderam pela compreensão mesmo com a pouca idade, uns ficaram felizes com os resultados obtidos outros bastante assustados com os idosos que ainda não sabiam sobre Biotecnologia, se sentiram confortáveis para explicar o que significava e interagir com os mesmos. Durante o processo de realização conseguiram relatar as emoções que sentiram em entrevistar as pessoas, entender como o mundo ainda tem acesso a informações equivocadas e outros têm informações que nem os próprios discentes sabiam.

Todos concordaram que a prova serviu para “amarrar” todos os assuntos trabalhados em sala, todas as leituras, o filme serviu para que desenvolvessem a prova com mais facilidade, o aprendizado adquirido foi proveitoso e engrandecedor para seu início acadêmico, despertando habilidades em pesquisa e oralidade.

Muitos educandos conseguiam relacionar e fazer conexões, a maioria disse que teriam dificuldades em realizar sem um conhecimento prévio. Com a ajuda do docente retirando dúvidas,



puderam responder sem medo de errar, pois sabiam que estavam sendo avaliados pelo trabalho desenvolvido durante as aulas e interações.

Enfatizaram que ao ingressar na Universidade obtinham pensamentos diferentes, e agora estão construindo em si próprio, pessoas que pensam “fora da caixa”, em busca sempre de perspectivas além do que podiam imaginar. A aula trabalhada em cima dos livros, de filmes, deu a ferramenta para que se sentissem confiantes em realizar a prova, buscar respostas em artigos, autores e relacionar tudo ao final. A avaliação serviu como um complemento, não apenas para obter uma nota, mas para que desenvolvessem toda teoria trabalhada utilizando da prática de pesquisar, ler, buscar novos conhecimentos além do que se é visto e entender a singularidade de cada um.

Durante a obtenção das respostas e relatos, alguns alunos se sentiram receosos em dar a entrevista, mesmo depois da divulgação das notas, pois temeram ter que criticar sobre algo. Apesar da relutância no início, percebemos que a avaliação se encaixou dentro das expectativas em pesquisar sobre os tipos de avaliação processual, diagnóstica e construtivista. A abordagem do professor enviando uma prova com trinta dias para entrega e sendo feita em grupo parece bastante simples, mas na verdade foi alvo de estudo e dedicação para se encaixar dentro dos tipos de avaliação.

As respostas foram bastante positivas e até uma surpresa, pois além de trabalhosa, a prova requeria dedicação e muita leitura, pesquisa e interação do grupo para conseguir organizar todo o roteiro de resposta. Cada discente utilizou do seu aprendizado e entendimento para nossa entrevista, sendo expressivos e menos receosos quando as perguntas eram feitas.

Considerações Finais

O planejamento da pesquisa trouxe pontos positivos e a serem aperfeiçoados. Os impactos da realização da prova e da entrevista foram além do esperado. Os discentes se surpreenderam com o tipo de avaliação fora dos padrões e o método utilizado serviu para que obtivessem um olhar crítico e amplo diante sobre o contexto temático apresentado. As entrevistas nos mostram que o caminho da utilização desses tipos de avaliações, onde trabalhamos os conhecimentos prévios, tiveram pontos bastante positivos, observamos ao longo das aulas o desempenho e dificuldades que podem ser trabalhadas gerando conforto entre os educandos. Por fim, concluímos que sentir segurança em realizar uma atividade é o caminho para se obter um bom resultado e aprendizado.

**Referências**

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p. ISBN: 8522422702.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 200 p.

HADJI, Charles. A Avaliação desmitificada. Porto Alegre: Artmed, 2001

HAMZE, Amélia. Avaliação escolar. *Brasil Escola*, 2007.

HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.

LEI DAS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, Lei nº 13.666, de 16.5.2018 · L12796 · Lei nº 13.632, de 6.3.2018 · L12061.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORETO, Vasco Pedro. Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

WEISZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MACHADO, Maria Auxiliadora C. Araújo. Diagnóstico para superar o tabu da avaliação nas escolas. *AMAE Educando*, n. 255, 1995.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. Avaliação da aprendizagem como construção do saber. 19/07/2006.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.